

Resultados das Pesquisas do SIMA-DEST e Departamento de Análise de Políticas  
MADER-Direcção de Economia

### **Mudanças nos Padrões de Consumo na Zona Sul: Que Opções Alimentares Para as Camadas mais Pobres?**

**Por: Pedro Arlindo, Anabela Mabota, António Paulo, Cynthia Donovan e David Tschirley<sup>1</sup>**

**MOTIVAÇÃO:** Em Moçambique, desde os tempos da guerra, o milho tem sido o produto básico mais consumido nas zonas urbanas do centro e sul, sobretudo entre os consumidores de poucas posses. O arroz também tem sido importante, mas com preços maiores do que os do grão de milho ou das farinhas com farelo branca (FMBCF) e amarela (FMACF)<sup>2</sup>. Desde 2001, começaram a notar-se mudanças na relação entre farinhas de milho e arroz, tanto nos preços como na disponibilidade destes nos mercados. **A questão que se coloca é: Que implicações têm estas mudanças na segurança alimentar sobretudo para os consumidores de poucas posses?**

De facto encontramos que nem todas as tendências são positivas sobretudo para as camadas pobres, por isso, depois de apresentar os resultados do estudo avançam-se propostas de como mitigar a situação.

Vários factores podem influenciar o consumo: os hábitos alimentares, o rendimento, o tempo e a energia para o processamento, a disponibilidade dos produtos nos mercados, e os seus preços relativos. Num mercado eficiente, os consumidores têm opções entre produtos de melhor qualidade (com preços maiores) e

produtos de qualidade menor (com preços mais acessíveis). Para os consumidores mais pobres, a opção de comprar produtos baratos pode fazer diferença na nutrição adequada e/ou desnutrição.

Este estudo focaliza os principais mercados das zonas sul e centro, avaliando as mudanças ocorridas nos preços, disponibilidade e consumo das farinhas de milho e arroz, discute sobre as possíveis determinantes, e propõe mudanças de políticas sobretudo para os consumidores de baixos rendimentos.

**METODOLOGIA:** O presente estudo baseia-se num inquérito realizado em duas rondas, a primeira de Janeiro a Fevereiro de 2003, e a segunda em Julho do mesmo ano, aos consumidores de Maputo, Xai-Xai e Beira. O inquérito foi realizado nos seguintes locais:

- 9 bairros de Maputo (148 agregados familiares),
- 5 bairros de Xai-Xai (56 agregados familiares), e
- 6 bairros da Beira (105 agregados familiares).

A selecção dos bairros foi determinística, com base no conhecimento empírico sobre o peso destes na população peri-urbana da respectiva cidade, e na disponibilidade de moageiras nesses bairros. A selecção dos agregados familiares (AFs) foi aleatória simples, mas procurando ter um mínimo de entrevistas por cidade. Para complementar a informação obtida através do inquérito, foram usados dados do SIMA e estudos anteriores.

**MUDANÇAS NO CONSUMO DE FARINHAS DE MILHO E ARROZ CORRENTE, 1994-2003:** Para avaliar as opções de consumo em 1994, fez-se uma pesquisa em Maputo que enfatizou as decisões de consumo

<sup>1</sup>As opiniões aqui expressas são da inteira responsabilidade dos autores e não reflectem a posição oficial do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural.

<sup>2</sup>Ao longo do texto e das tabelas, faz-se referência às diferentes qualidades de farinha de milho com base na sua cor, origem e nível de processamento. Assim, o texto faz referências a farinha de milho com farelo e farinha de milho sem farelo. Nas tabelas: FMBCF=farinha de milho branco com farelo; FMBSF/IMP= farinha de milho branco sem farelo importada; FMBSF/NAC= farinha de milho branco sem farelo nacional, GMB = grão de milho branco; GMA = grão de milho amarelo e; FMACF = farinha de milho amarelo com farelo.

dos diferentes tipos de milho (grão amarelo ou branco, e farinhas sem e com farelo), face a eventuais variações dos preços destes.

Os resultados deste estudo revelaram o seguinte:

- A principal fonte de milho para mais de 90% dos agregados familiares em 1994 consistia nas compras de grão no mercado ou produção própria;
- Apenas 3% tinham como principal fonte de milho as compras em farinha; e
- Dos 3%, cerca de metade comprava as farinhas como complemento às compras de grão.

Em relação aos preços relativos, o estudo indicou que:

- Se a farinha sem farelo estivesse ao mesmo preço que a farinha com farelo, 96% prefeririam a farinha sem farelo; e
- 20% dos agregados familiares indicaram que mudariam para a farinha com farelo se esta fosse 20% mais barata. O rendimento familiar médio destes 20% foi o menor da amostra.

Neste caso, a sensibilidade dos agregados – especialmente dos mais pobres – face aos preços relativos foi evidente. Dado que o preço do arroz em 1994 foi sempre mais alto do que o do grão e das farinhas de milho, este foi considerado um produto para a camada menos pobre ou para consumo em ocasiões festivas, pelo que ele não foi comparado com o grão e as farinhas de milho nessa pesquisa.

Em 2003, os resultados sobre o consumo indicam uma mudança na cidade de Maputo e diferenças entre esta e as outras duas cidades. Como vem indicado nas Tabelas 1 e 2:

- Arroz corrente aparece como o alimento mais consumido quer na época de fome (Novembro – Janeiro) assim como na época de colheita (Maio – Julho) durante 2001/2 e 2002/3;
- Há uma concentração notável de famílias que consomem mais arroz do que GMB em Maputo e Xai-Xai (sul);
- Existe uma maior diversidade de consumo na cidade da Beira (centro),

embora o arroz fosse o mais importante em cada uma das três cidades;

- Os produtos mais comprados e consumidos agora em Maputo são a FMBSF nacional e o arroz; não há FMBCF;
- Na Beira, há mais consumo de FMBCF (comprada ou moída a partir da produção própria de grão); e
- Em Xai-Xai, o consumo de milho e arroz figura entre Maputo e Beira.

**Tabela 1: Consumo de Produtos entre 2001 e 2003**

		Maputo	Xai-Xai	Beira
O produto?	AF consume este	---	Percentagem de "sim" ---	---
	Milho	95	98	100
	Arroz	99	96	97
Qual é o alimento mais consumido?		----	Percentagem de AFs indicando o alimento -----	
Época de fome 2001/2	Arroz	92	69	51
	FMBSF	6	11	22
	FMBCF	0	4	9
	Outros	2	16	18
Época de colheita 2002	Arroz	89	65	46
	FMBSF	5	11	23
	FMBCF	2	5	14
	Outros	4	19	17
Época de fome 2002/3	Arroz	94	84	66
	FMBSF	4	4	8
	FMBCF	0	2	12
	Outros	2	10	14
Época de colheita 2003	Arroz	93	43	61
	FMBSF	4	5	10
	FMBCF	0	2	11
	Outros	3	52	18

Fonte: SIMA, 2003. MADER/Departamento de Estatística

### RELAÇÃO ENTRE O NÍVEL DE RENDIMENTO E O TIPO DE ALIMENTO CONSUMIDO:

As mudanças de comportamento quanto ao consumo podem não ser uniformes entre cidades, assim como dentro da mesma cidade. Um factor importante na diferenciação entre cidades pode ser a diferença de preços de um mesmo produto (devido ao custo de transporte por exemplo). Por seu turno o comportamento dos agregados familiares dentro de uma cidade pode ser explicada pelas diferenças nos níveis de rendimento destes.

O presente estudo sugere que existem diferenças nas opções de consumo entre as cidades do estudo. A Tabela 3 mostra que, embora a maioria dos agregados familiares em cada cidade consuma mais arroz do que farinha de milho,

existe uma relação entre os níveis de rendimento destes e o tipo de alimento mais consumido.

**Tabela 2: Principais Fontes de Milho entre 2001 e 2003**

Qual é a principal fonte do milho consumido pelo AF?		Percentagem de Afs indicando a fonte		
		Maputo	Xai-Xai	Beira
Época de fome 2001/02	FMBCF comprado	1	6	16
	FMBSF comprado	71	35	19
	Grão comprado	24	56	0
	Grão produzido	3	4	65
Época de colheita 2002	FMBCF comprado	0	9	11
	FMBSF comprado	59	24	17
	Grão comprado	34	62	0
	Grão produzido	7	6	71
Época de fome 2002/03	FMBCF comprado	0	2	21
	FMBSF comprado	74	36	18
	Grão comprado	23	55	0
	Grão produzido	1	6	61
Época de colheita 2003	FMBCF comprado	0	4	12
	FMBSF comprado	64	27	18
	Grão comprado	31	64	1
	Grão produzido	5	6	69

Fonte: SIMA, 2003. MADER/Departamento de Estatística

Em Xai-Xai e Beira, os agregados familiares com rendimentos maiores consomem principalmente arroz corrente. Em Maputo, o arroz predomina tanto para os mais pobres como para os menos pobres. A mesma tabela mostra que Maputo tem os maiores rendimentos e Beira os menores.

**Tabela 3: % de AFs que Consomem mais Arroz do que Farinha de Milho, segundo Tercil de Rendimento**

Tercís de Rendimento	Maputo	Xai-Xai	Beira
Alto	95	91	72
Médio	92	86	79
Baixo	94	78	57
Rendimento médio anual (1.000 meticais)	19.693	13.134	9.470

Fonte: SIMA, 2003. MADER/Departamento de Estatística

Existem evidências de que os rendimentos em geral na zona sul têm incrementado nos últimos anos, o que pode gerar o maior consumo de bens de melhor qualidade e preços mais altos.

Contudo, o impacto das mudanças nos mercados em termos da disponibilidade de produtos e níveis dos preços relativos pode ser muito mais forte neste caso. Na próxima secção, discutimos mais em detalhe este aspecto.

**MUDANÇAS NOS MERCADOS DE FARINHAS DE MILHO E ARROZ:** Nesta secção faz-se uma análise comparativa da situação antes de 2001 e a partir dos meados de 2001 até 2003.

#### Situação dos Mercados Antes de 2001:

Uma avaliação sobre a disponibilidade e preços feita pelo SIMA em 1996 (MAP-Direcção de Economia-Dpto. de Estatística, 1997a e 1997b) mostrou que, até aquele ano, os mercados moçambicanos apresentavam um bom leque de opções de milho (grão e farinhas com e sem farelo) e arroz.

Na Tabela 4, pode-se observar que o GMB, FMBCF e o arroz corrente eram os três produtos com a oferta mais regular em todo o país até Julho de 2001. Até meados da década de 90, estes três produtos básicos estavam quase sempre disponíveis. O GMA e seus derivados estavam disponíveis devido à sua importação no âmbito do programa de ajuda alimentar que se seguiu às secas de 1991/2 e 1994/5, e que foi destinada primeiramente ao sul de Moçambique.

**Tabela 4: Índice de Disponibilidade de Farinhas de Milho e Arroz Corrente nos Mercados de Moçambique<sup>3</sup>, 1993 – Julho de 2001**

Produto	Norte	Centro	Sul
	Percentagem de semanas com oferta dos produtos		
GMB	92.7	98.4	99.5
GMA	2.1	36.6	48.0
FMBSF/IMP	2.7	28.0	53.5
FMBCF	98.9	95.7	84.0
FMBSF/NAC	1.2	1.7	56.8
FMACF	21.2	24.6	68.0
Arroz Corrente	96.3	98.6	99.7

Fonte: SIMA, 2003. MADER/Departamento de Estatística

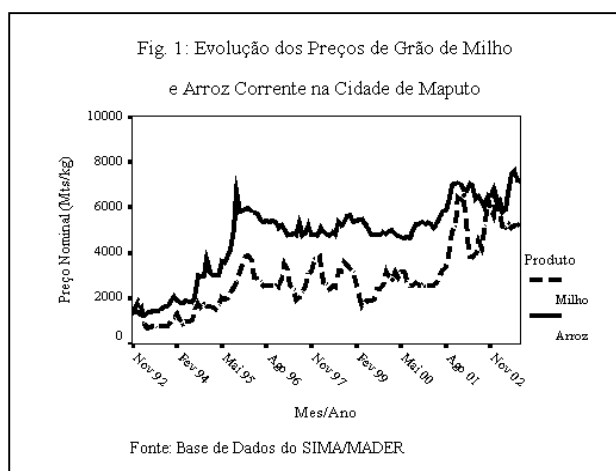
Em 1996, a Companhia Industrial da Matola (CIM) e outras unidades industriais começaram a providenciar outra opção aos consumidores, a FMBSF nacional. O arroz corrente e a FMBSF eram os produtos mais caros, enquanto que a FMBCF e o GMB tinham os preços mais baixos.

**Situação dos Mercados Desde Meados de 2001:** Desde meados de 2001, têm sido observadas várias mudanças nos mercados, caracterizadas por: (i) uma rápida expansão do mercado do arroz corrente, (II.) redução e desaparecimento da FMBCF em alguns

mercados, e (II.) um aumento da disponibilidade e do preço da FMBSF (Tabela 5).

Tradicionalmente, o arroz corrente e a FMBSF são considerados bens superiores pela população de baixos rendimentos, enquanto que a FMBCF é considerada um bem inferior. Em meados de 2001, começou a notar-se a ausência sistemática da FMBCF nos mercados do sul de Moçambique.

**RELAÇÃO DE PREÇOS:** Nesta secção, faz-se uma avaliação da evolução dos preços de grão de milho e arroz corrente nos mercados de sul



(Maputo) e centro (Beira). A relação de preços entre os dois produtos pode sugerir um certo grau de substitutabilidade, dependendo da qualidade que os consumidores atribuem a cada um deles, e dos recursos disponíveis.

**Tabela 5: Índice de Disponibilidade de Arroz Corrente e Produtos de Milho nos Mercados de Moçambique Agosto 2001-Dezembro 2003**

Produto	Norte	Centro	Sul
	Percentagem de semanas com oferta dos produtos		
GMB	86.2	99.5	99.8
GMA	0.0	0.5	0.6
FMBSF/IMP	0.4	25.3	48.5
FMBCF	98.1	97.5	37.3
FMBSF/NAC	39.2	58.9	96.2
FMACF	0.0	2.3	0.0
Arroz Corrente	95.7	99.5	99.9

Fonte: SIMA, 2003. MADER/Departamento de Estatística

### Evolução dos preços e Opções de Consumo

Na Figura 1, referente à cidade de Maputo, observa-se que o preço do arroz corrente foi

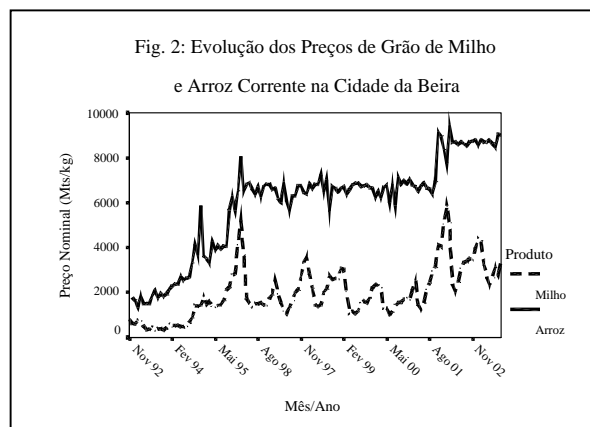
consistentemente superior ao preço do GMB durante todo o período anterior a Agosto de 2001. A partir de Agosto de 2001, o preço do GMB passou a ser em geral muito próximo do preço do arroz corrente.

Outros dados indicam que, durante o período anterior a Agosto de 2001, o preço da FMBCF, que sempre esteve presente no mercado de Maputo, foi cerca de 20% mais baixo do que o preço do arroz corrente.

A partir de Agosto de 2001, a diferença de preços entre os dois produtos deixou de existir, pois o preço da FMBCF passou a ser tão alto quanto o do arroz corrente. Em consequência, houve mudanças nas opções de consumo. A maioria passou a consumir arroz corrente e FMBSF. Para os vendedores da FMBCF passou a ser económica e financeiramente pouco viável comprar grão para transformá-lo neste tipo de farinha. Por conseguinte, esta farinha desapareceu dos mercados de Maputo.

Isto é consistente com o facto de que, historicamente, os consumidores de Maputo consomem FMBCF se ela for substancialmente mais barata do que as outras qualidades de farinha e o arroz corrente, ou se esses outros produtos não existirem no mercado (Relatório 18, PSA/DE/MAP, 1994).

Contrariamente ao que aconteceu em Maputo, na Beira o preço do arroz corrente sempre foi superior ao preço do grão de milho branco (Figura 2). Por conseguinte, na Beira continua a ser conveniente comprar grão e processá-lo nas



moageiras de pequena escala. O preço da FMBCF continua substancialmente mais baixo em relação ao arroz corrente, embora esta diferença tenha diminuído durante o segundo período. Observações empíricas sugerem que, noutras partes do centro e norte de Moçambique, também continua a ser viável comprar GMB e processá-lo nas moageiras de pequena escala para a obtenção de farinha com farelo.

Os preços do GMB são em geral mais baixos no centro e norte, devido à sua proximidade às zonas de produção, do que no sul. Ao mesmo tempo, existe no centro e norte uma capacidade menor de processamento industrial do milho do que no sul. Também, devido ao tamanho do porto de Maputo e o constante fluxo de arroz importado, este produto é mais barato no sul do que no centro e norte. Estes factos explicam a grande procura ainda existente pelos serviços de moagem de milho de pequena escala bem como a procura de produtos de milho menos processados como a FMBCF no centro (Beira). Quer na época de fome assim como na de colheita a utilização dos serviços de moageira é muito maior na Beira do que em Xai-Xai, e é quase nula em Maputo (Tabela 6).

**Tabela 6: Procura dos Serviços de Moageiras pelos Consumidores em 2002 e 2003**

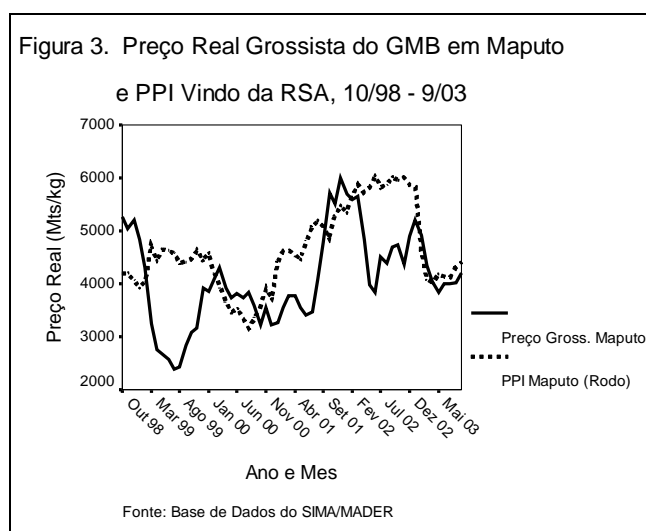
	Maputo	Xai-Xai	Beira
Procurou serviços de moageiras?	----Porcentagem de "sim" ----		
Época fome 2001/02	1	4	75
Época colheita 2002	3	9	23
Época fome 2002/03	0	2	79
Época colheita 2003	1	5	76

Fonte: SIMA/Inquérito aos consumidores/MADER, 2003

**IMPORTAÇÕES DA ÁFRICA DE SUL:** As importações de arroz são feitas a partir da Ásia, mas para o GMB o mercado mais usado é a África de Sul. Recentemente, foi aprovado o Regulamento do Regime Aduaneiro para a Indústria Transformadora como forma de criar incentivos fiscais para a importação de matéria prima para a grande indústria de agro-processamento. Esta iniciativa é boa, mas não está claro se ela pode, na prática, ser benéfica para a pequena indústria que se tem revelado importante especialmente para a população de

baixos rendimentos nas zonas rurais e peri-urbanas de Moçambique.

A Figura 3 apresenta o preço real do GMB nacional em Maputo a nível grossista junto com o “preço de paridade de importação” (PPI) do GMB vindo da RSA. O PPI reflecte o custo do grão em Randfontein mais todos os custos necessários para trazer o grão até ao mercado grossista de Maputo, isto é, manuseamento na RSA, transporte rodoviário, manuseamento em Maputo e direitos aduaneiros. Estes cálculos não incluem o IVA. Portanto, em condições de comércio livre, o PPI deveria constituir um tecto sobre os preços em Maputo, uma vez que um importador poderia trazer o grão da RSA caso os preços em Maputo subissem exageradamente.



Este gráfico indica que, mesmo sem cobrar o IVA sobre as importações, os preços em Maputo quase sempre ficaram abaixo do PPI. As exceções foram para a época de fome de 1998/99, a época de colheita de 2000, quando as vias de comunicação entre os dois mercados foram interrompidas pelas cheias, e durante a época de fome de 2001/02. Mesmo assim, durante este último período a diferença entre os preços em Maputo e o PPI não era grande. Portanto, parece que até à data, o IVA não teve impacto predominante sobre os preços do GMB em Maputo. Vale a pena notar, no entanto, que no caso de uma fraca disponibilidade de GMB de produção nacional, o IVA encareceria ainda mais este produto de primeira necessidade, uma vez que este não é reembolsado para o grão não processado pelo importador.

**IMPLICAÇÕES PARA POLÍTICAS E INTERVENÇÕES NO FUTURO:** A análise apresentada sugere que se deve avaliar a possibilidade de adoptar medidas de política que garantam que os consumidores tenham um leque considerável de alimentos nos mercados.

**A falta de grão de milho nos mercados do sul deixa os consumidores dependendo da farinha sem farelo e o arroz, ambos caros para as camadas pobres.** Todos os agregados consomem grão de milho na sua dieta. Agora os consumidores de Maputo sem diferenciação (pobre, menos pobre e ricos) estão dependentes da farinha sem farelo processada pelas moageiras industriais, a qual é mais cara, isto porque o custo do GMB é muito alto, e as opções de processar em pequenas moageiras ou em casa e obter farinha com farelo a um preço mais baixo já desapareceram. Isto é, os consumidores de Maputo neste momento pagam pela conveniência.

**Rever os trâmites nas fronteiras e os impostos, sobretudo o IVA, para facilitar a importação do grão de milho em pequenas quantidades.**

A remoção de qualquer barreira tarifária e de outros constrangimentos burocráticos relativos às importações de grão de milho poderá ter efeitos positivos sobre o aumento do número de importadores que poderão adquirir este produto nos países vizinhos. Especificamente, seria mais viável aos pequenos comerciantes comprarem grão mais barato e em pequenos volumes e processá-lo em farinha não refinada nas pequenas moageiras, especialmente durante a época de fome quando o milho nacional fica escasso.

Adicionalmente, a obrigatoriedade da apresentação de provas de processamento para ter acesso ao reembolso do IVA sobre as importações de grão de milho restringe as importações pelos pequenos comerciantes. Mesmo para os grandes importadores que podem provar ter processado o grão, o reembolso tardio do IVA traduz-se em elevados custos das farinhas de milho, em comparação com os custos do arroz.

**Medidas proteccionistas só devem ser consideradas depois duma avaliação do seu impacto sobre os consumidores mais pobres.**

No presente, dois em cada três quilos de arroz consumido em Moçambique são importados e o preço do arroz tem sido mais estável do que as farinhas de milho. Por isso um imposto para proteger a indústria de arroz em Moçambique pode ter um impacto fortemente negativo para os consumidores urbanos do sul, sobretudo os de rendimentos baixos.

**Investimentos em infra-estruturas físicas e acções para reduzir os custos de comercialização podem diminuir o preço do grão de milho da produção nacional para consumidores do sul.** Todo o grão de milho disponível nos mercados do sul é da produção nacional. O que encarece o preço do grão posto em Maputo é o elevado custo de transporte e algumas barreiras administrativas, tornando o negócio de processamento de pequena escala não funcional. A disponibilidade de grão pode aumentar as opções em Maputo, se o preço for competitivo

De facto, o que se requer é uma política e procedimentos que permitam aumentar o leque de opções baratas para os consumidores de poucas posses. Mudanças aparentemente pequenas poderão afectar significativamente o “bem estar” dos grupos mais vulneráveis.

## Bibliografia

MAP/DE. 1997. *A disponibilidade de Produtos e o Poder de Compra dos Consumidores: Grão de Milho e Arroz*. Flash No. 7P. Maputo: Ministério da Agricultura e Pescas.

MAP/DE. 1997. *A disponibilidade de Produtos e o Poder de Compra dos Consumidores: Farinhas de Milho e Arroz*. Flash No. 8P. Maputo: Ministério da Agricultura e Pescas.

MAP/DE. 1994. *Quem Come Milho Amarelo?* Relatório de Pesquisa No. 18P. Maputo: Ministério da Agricultura e Pescas.

Boletim da República, 13 de Agosto de 2003.  
I Série – Número 33.